

## **PACHINKO: MUITO MAIS QUE UM JOGO DE SORTE**

**Um estudo das representações de Identidade Étnica na diáspora Zainichi através da narrativa de Min Jin Lee<sup>1</sup>**

Thainá Cardoso de Oliveira<sup>2</sup>

**Resumo:** A ocupação japonesa na península coreana (1910 - 1945) trouxe diversas mudanças para o extremo leste asiático, sendo uma delas a migração em massa de coreanos. Por esse motivo, o presente trabalho pretende analisar através das representações da 2<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup> geração, Noa e Solomon, do livro *Pachinko*, como se dá a formação das identidades étnicas e os dilemas de pertencimento da diáspora Zainichi, um grupo étnico de coreanos no Japão. À luz da teoria pós-colonial de Homi K. Bhabha, busca-se compreender a complexidade da formação e construção de identidades híbridas através da história dessas personagens e os dilemas enfrentados por essa comunidade. Entende-se que as personagens revelam como as experiências geracionais refletem de formas diferentes, tendo Noa negando sua hibridização para ser aceito pela sociedade japonesa e Solomon, influenciado por um mundo mais multicultural, aceitando a multiplicidade de sua identidade.

**Palavras-chaves:** Formação de Identidade, Zainichi, Homi K. Bhabha, Pachinko, Hibridismo.

**Abstract:** The Japanese occupation of the Korean Peninsula (1910–1945) brought numerous changes to East Asia, one of which was the mass migration of Koreans. For this reason, the present work aims to analyze, through the representations of the 2nd and 3rd generations, Noa and Solomon, from the book *Pachinko*, how ethnic identities are formed and the dilemmas of belonging within the Zainichi diaspora, an ethnic group of Koreans in Japan. In light of Homi K. Bhabha's postcolonial theory, this study seeks to understand the complexities of hybrid identity formation and construction through the stories of these characters and the dilemmas faced by this community. It is understood that the characters reveal how generational experiences differ, with Noa denying his hybridity to be accepted by Japanese society and Solomon, influenced by a more multicultural world, embracing the multiplicity of his identity.

**Keywords:** Identity formation, Zainichi, Homi K. Bhabha, Pachinko, Hybridity.

---

<sup>1</sup> Artigo Científico apresentado ao Instituto de Economia e Relações Internacionais da Universidade Federal de Uberlândia como Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do grau de Bacharel em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Uberlândia, sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dra. Lara Martim Rodrigues Selis.

<sup>2</sup> Graduanda de Relações Internacionais pela Universidade Federal de Uberlândia.

## **1. Introdução**

*Encontramo-nos no momento de trânsito em que espaço e tempo se cruzam para produzir figuras complexas de diferença e identidade, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão*

(Bhabha, 2003, p. 19)

A ocupação japonesa, iniciada oficialmente a partir de 1910, deixou cicatrizes incuráveis para a história da Coréia e principalmente para a população do país. Esse período foi o momento mais obscuro para os coreanos, sendo marcada por violências, repressões, discriminações, e o pior de todos, a tentativa de desaparecimento da identidade e do nacionalismo do país, assim como o extermínio do que eles conheciam como Coréia (Guilherme, 2023). Por esse motivo, o impacto da ocupação japonesa na identidade nacional coreana foi profunda e duradoura. Durante esse período, os japoneses impuseram uma série de políticas destinadas a minar a identidade cultural e nacional dos coreanos. Uma das medidas mais significativas foi a supressão da língua coreana e a imposição da japonesa como idioma oficial, resultando em escolas sendo obrigadas a ensinar em japonês e desencorajar o uso do coreano em público (Seth, 2023). Isso teve um impacto devastador na transmissão intergeracional da língua e na preservação da identidade linguística coreana.

Além disso, os japoneses também promoveram uma política de assimilação cultural, tentando convencer os coreanos de que faziam parte de uma "Grande Nação japonesa". Isso incluiu a imposição de nomes japoneses aos coreanos, a adoção de práticas culturais japonesas e a promoção da ideia de que a cultura coreana era inferior (Chapman, 2008). A repressão política também teve um efeito profundo na identidade nacional coreana, visto que, suas atividades foram estritamente controladas, e qualquer forma de resistência ou expressão nacionalista era duramente reprimida (Guilherme, 2023). Muitos líderes patrióticos foram presos, torturados ou executados, contribuindo para a erosão do orgulho nacional e do senso de identidade, enfraquecendo o nacionalismo étnico do povo coreano e suas identidades culturais.

A partir desse momento, os coreanos, visando uma vida melhor, passaram a migrar de seu país de origem com destino final, o Japão. Chegando lá, os Zainichi, termo que os japoneses associaram a essa comunidade coreana, passaram a trabalhar nos campos ou em fábricas de siderurgia, metalurgia, mineração de carvão e de construção, mas apesar disso, suas vidas não foram fáceis (Tablizo, 2022). Para essas pessoas, o preconceito e a humilhação por não serem japoneses de sangue e virem de um país considerado inferior à Nação japonesa, era cotidiana.

Um lugar de trabalho muito comum para esses migrantes eram os salões de Pachinko (パチンコ). Estes, são empreendimentos de jogos de azar muito comuns no Japão, e onde coreanos conseguiam encontrar emprego mais facilmente no país. As pessoas que trabalhavam em um Pachinko eram vistas aos olhos da sociedade japonesa como gente mau caráter, sujos e traiçoeiros, uma vez que, esses lugares “exalavam um forte odor de pobreza e criminalidade” (Lee, 2020 p. 470), se tornando então, de acordo com o que os japoneses acreditavam, o local ideal para os coreanos trabalharem.

É a partir disso que, Min Jin Lee, migrante coreana-estadunidense e autora da obra *Pachinko*, baseia sua história e cria esse universo abrangendo quatro gerações de uma família migrante coreana no Japão. Ambientado principalmente na Coreia do Sul e no Japão do século XX, entre 1910 até 1989, o livro constroi uma complexa narrativa entre identidade, pertencimento, discriminação e aspirações individuais em meio a um contexto de opressão e adversidade. Principalmente retratado nas personagens da 2<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup> geração de migrantes coreanos, Noa e Solomon, Lee traz para seus leitores como as identidades acabam sendo formadas e entendidas de diferentes formas, o que por muitas vezes acaba criando um dilema de pertencimento e fazendo com que essas gerações migrantes fiquem sempre se questionando “quem eu realmente sou?”

Por esse motivo, a principal pergunta de pesquisa que orienta este estudo é: como, a partir do livro *Pachinko*, podemos compreender as especificidades da experiência Zainichi considerando as identidades pós-coloniais? Em particular, como as personagens, Noa e Solomon, representam os signos de identidade étnicas e do pertencimento da segunda e terceira geração, respectivamente?

Uma das principais teorias pós-coloniais utilizadas nas Relações Internacionais (RI) é a formulada por Homi K. Bhabha (2003), na qual se destaca o conceito de Hibridismo. Neste, quando se observado a colonização, tem-se o surgimento do “terceiro espaço”, o qual permite ao colonizado construir novos discursos e com isso novas identidades, sem ser apenas a binariedade entre o eu e o outro. Além disso, a diáspora e o exílio desses imigrantes em um país estrangeiro, resultantes de guerras, faz com que essas pessoas se encontrem neste limbo de não pertencimento a suas terras natais e nem de onde vivem no momento.

A marginalização e a opressão dessas diásporas por parte do colonizador, são formas de criar essas incertezas identitárias para o colonizado, o qual passa a se sentir inferior não apenas em sua própria etnicidade como também na qual ele passa a fazer parte. Parte do conceito do hibridismo enfatiza que o sujeito colonizado, mesmo quando busca se integrar à identidade ou

ao grupo do colonizador, nunca é inteiramente aceito como parte integrante dessa sociedade. Ele é continuamente percebido como o "outro", uma diferença que o impede de se assimilar completamente. Essa exclusão inerente reforça a necessidade de negociação identitária, levando ao processo de hibridização. Para mais, Stuart Hall (2006) agrega nessa narrativa do Hibridismo de Bhabha, ao considerar que dentro desse entre-espaços, as identidades, elas passam a ser construídas, estando sempre em constante mudança por causa da influência e da interação com o mundo globalizado<sup>3</sup>. A globalização para ele é um ponto alto para esse entendimento, visto que, a aproximação com novas culturas influenciam para que a identidade possa se transformar a partir de novas visões.

Por conseguinte, na obra de Min Jin Lee, *Pachinko*, conseguimos observar com bastante clareza nas personagens Noa, representando a segunda geração e em Solomon, representando a terceira geração, como o Hibridismo se dá de diferentes maneiras. Para Noa, nascido e criado no Japão, seu país apenas existia através das lembranças contadas por sua mãe e seu pai, Sunja e Isak. Por esse motivo, ele acaba se encontrando mais intimamente ligado às raízes e à cultura japonesa dominante, carregando consigo uma carga de conflito cultural mais intensa, lidando com questões de pertencimento e identidade.

Desde muito jovem, ele mantém seu maior sonho, o de ser um japonês, escondido de sua família. Negando suas origens coreanas, Noa traz consigo uma luta interna para que os japoneses o reconheçam como um igual, e por esse motivo, ainda criança, ele se torna uma pessoa reclusa, dedicado aos seus estudos e à sua casa, ajudando no cuidado de seu irmão mais novo, Mozasu. Ele não é apenas rejeitado pelos japoneses, mas também sente que trai sua própria etnia coreana, ficando preso entre duas identidades étnicas que o desconsideram. Dessa maneira, Noa pode ser descrito como alguém que não tem permissão para ser coreano no Japão, assim como também, não pode ser considerado um japonês.

Quando descoberto que seu sangue não era apenas coreano, mas também relacionado com a Yakuza, criminosos altamente perigosos que traziam medo para os japoneses, Noa acabou se considerando amaldiçoado e então decidiu fugir de sua família coreana pra tentar se reconstruir e se encontrar no meio dessa indecisão relacionada a sua identidade. Ao se estabelecer em Nagano, ele decidiu se tornar falsamente um japonês e passou a esconder de sua nova família as suas origens coreanas. Entretanto, Noa, ao se ver completamente imerso nessa falsa realidade, acabou se tornando um desconhecido para si mesmo e para as pessoas ao seu

---

<sup>3</sup> Para as teorias pós-positivistas de RI, a formação de todas as identidades se dá através de suas construções e elas sempre se encontram em constante mudança e formação, abrangendo também a identidade do colonizador.

redor. Dessa maneira, esse medo relacionado a sua identidade, sobre quem ele era e ao se ver forçado a escolher entre dois mundos opostos não conseguindo conciliar essas diferenças, Noa acaba se perdendo, resultando no desfecho trágico da sua morte, como uma forma de manifestar a sua desilusão quanto a sua etnicidade e identidade.

Por outro lado, Solomon, o qual cresceu no meio de uma sociedade mais multicultural, frequentando escolas internacionais e se rodeando no seu dia a dia de pessoas do ocidente, apresenta um maior conformismo com relação à sua identidade. Apesar de enfrentar menos conflitos culturais diretos, e ainda assim lidar com questões de aceitação e discriminação devido à sua origem étnica coreana, chegando a até mesmo ser prejudicado em seu trabalho, ele conseguiu reconhecer que é tanto japonês quanto coreano. Ou seja, ele entendeu que existe um terceiro espaço entre ser um ou outro e que portanto, a sua identidade era uma escolha que só ele poderia fazer. Com essa percepção, Solomon passa a compreender aquilo que seu tio, Noa, não conseguiu, que sua identidade é hifenizada.

Dessa maneira, faz-se de entendimento que, enquanto Noa tenta se assimilar completamente ao Japão para escapar da discriminação, Solomon já foi criado em um ambiente mais cosmopolita e plural. Ele, portanto, não vê sua identidade como uma escolha binária - japonês ou coreano -, mas a entende como híbrida e hifenizada. Além disso, a sua identidade passa a ser construída através do meio social que ele vive, adotando aspectos e visões que as gerações anteriores não tinham. Com isso, ele reconhece que ser tanto japonês quanto coreano é uma maneira de abraçar a complexidade da sua identidade. Isso não significa que ele não enfrente discriminação, mas ele se reconcilia com seu passado étnico de maneira mais sutil e menos traumática do que seu tio Noa.

Sendo assim, a presente pesquisa é crucial para desconstruir narrativas hegemônicas e compreender as complexidades das relações pós-coloniais no contexto asiático. Ao analisar como o colonialismo marginaliza grupos étnicos dentro de seus próprios países e, ao mesmo tempo, explorar o Hibridismo cultural nas identidades pós-coloniais, busca-se contribuir para uma compreensão mais profunda das dinâmicas de formação de identidade étnicas da diáspora Zainichi no extremo leste asiático. Esta análise, ao focar na obra *Pachinko* e nas personagens Noa e Solomon, pretende não apenas trazer novas vertentes para a discussão acadêmica sobre as identidades híbridas, mas também fornecer novas perspectivas para as complexidades da experiência Zainichi no Japão. Dessa forma, a pesquisa se propõe a abordar uma lacuna significativa na literatura sobre as relações étnicas e culturais do leste asiático, oferecendo uma interpretação literária fundamentada na teoria pós-colonial

Por esse motivo, este artigo tem como objetivo, entender, através das representações da 2<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup> geração Zainichi presentes em *Pachinko*, como se dá a formação das identidades étnicas e os dilemas de pertencimento dos migrantes da diáspora coreana no Japão. Além disso, através de uma metodologia qualitativa e de revisão bibliográfica, basearemos em um primeiro momento nas perspectivas teóricas pós-coloniais e no conceito de Hibridismo proposto por Homi K. Bhabha. Através dessa abordagem, busca-se compreender e identificar as complexas interações entre identidade e etnicidade, especialmente nos contextos pós-colonialistas. Ademais, serão consideradas outras revisões bibliográficas além dos estudos de Bhabha, incorporando contribuições de outros autores teóricos para auxiliar na compreensão do tema em questão.

Para mais, utilizando-se da abordagem interpretativa, exploraremos como as dinâmicas de Hibridismo cultural e identitário se manifestam em espaços coloniais e pós-coloniais. Com isso, se concentra a compreensão das identidades étnicas e do pertencimento retratadas nas narrativas da segunda e terceira geração apresentadas no livro *Pachinko*. É importante ressaltar que esta pesquisa realizará uma análise literária, visto que, o objeto de estudo deste artigo tem como base uma obra de ficção, e que, por meio desta análise aprofundada da obra, exploraremos como as experiências de imigração e discriminação moldam as trajetórias de vida dessas personagens. Além disso, procuraremos identificar os conflitos de identidade que surgem dentro dessas gerações migrantes, à medida que navegam entre diferentes culturas, gerações, expectativas e sistemas de valores.

Sendo assim, este artigo será dividido em cinco seções, tendo início na presente introdução. Em seguida, tem-se uma breve contextualização histórica sobre a ocupação japonesa na Coreia, no período de 1910 até 1945, quando se deu o fim da Segunda Guerra Mundial. Além disso, nesta mesma seção, abordarei sobre a formação da diáspora Zainichi e alguns aspectos dessa comunidade, a fim de que possamos compreender as dificuldades enfrentadas por eles no Japão e como suas experiências podem influenciar na formação de suas identidades étnicas e culturais.

Na terceira seção, apresentarei os pressupostos mais importantes de Homi K. Bhabha sobre o Hibridismo e terceiro-espelho, com uma complementação dos ideais de Stuart Hall em como as identidades diáspóricas, dentro do Hibridismo, são fragmentadas e estão sempre em constante construção, tendo influência da globalização. Essa seção será de grande importância para a que virá em seguida, onde será abordado a representação das personagens Noa e Solomon - 2<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup> geração Zainichi - visto que, será através de suas histórias que conseguiremos visualizar como a identidade híbrida é entendida e aceita de maneira diferente por essas personagens. Por

fim, apresentarei minhas considerações finais acerca dos principais pontos presentes neste artigo.

## 2. Japão e Coreia: 1910 - 1945

*A história falhou conosco, mas não importa.*

(Lee, 2020, p. 11)

Antes de abordarmos a ocupação japonesa na Coreia a partir de 1910, é importante trazermos alguns dos antecedentes que culminaram neste importante evento. No século XIX, o Japão passou a se empenhar em alcançar um desenvolvimento que fosse visto como equivalente ao das potências ocidentais, o que incluía não só o crescimento econômico, mas também o fortalecimento militar e a centralização do poder político do país (Ritzel, 2020). Esse período de transformação é conhecido como a Restauração Meiji, que começou em 1868 e é reconhecido como o momento em que o país implementou reformas profundas tanto políticas quanto sociais para se modernizar, como a industrialização e a modernização militar, além de adotar aspectos da cultura ocidental (Ritzel, 2020).

Essa busca da nação japonesa por poder e reconhecimento internacional não se limitou a apenas reformas internas. O país também passou a adotar uma política agressiva de expansão territorial, ocupando e colonizando os territórios na Ásia Oriental, principalmente a península coreana. Esse aumento de poder territorial para a Nação japonesa era vista como um meio de atingir seus objetivos de modernização, mas também de fortalecer a economia do país, com a oportunidade de acesso a novos recursos naturais e áreas de influência estratégicas para o Japão.

Com a derrota da Rússia para o Estado Japonês na guerra que ficou conhecida como Russo-japonesa de 1904 a 1905, a península coreana acabou se tornando provisoriamente protetorado do país vencedor com a assinatura da convenção coreano-japonesa, ou tratado de Eulsa, de 1905, o que acabou dando ao Japão controle total sobre a Coreia e as suas relações com outros países (Kim, 1999). A partir disso, gradualmente, o governo japonês foi consolidando sua influência no país, fazendo com que apenas em 1910 ocorresse a anexação oficial da Coreia ao Japão, tornando a então península parte do governo colonial japonês (Nam, 2018).

A Coreia passou por diversas mudanças tanto internas quanto externas na sua sociedade durante a ocupação japonesa. Dando fim à monarquia coreana governada pelo Rei Kojong (1897 – 1910), o Japão implementou o governo-geral da Coreia, liderado por um residente-

geral japonês, sendo este um oficial de alta patente, geralmente um general do exército ou almirante da marinha japonesa, que exercia autoridade sobre todos os aspectos judiciais, econômicos e da administração coreana (Kim, 1999). Além disso, o governo-geral tinha poderes centralizados, o que possibilitou a reorganização da administração local de forma a garantir o controle direto japonês sob a península.

O imperialismo japonês na Coreia foi de grande importância para a criação de fundamentos institucionais na educação, no governo e na economia, incentivando o desenvolvimento da península (Guilherme, 2023). Para os japoneses, os coreanos eram um povo bastante inferior e pobre quando comparado a eles, com um “reino deteriorado, decadente e corrupto, que só poderia ser salvo pela intervenção divina do imperador japonês” (Ryang, 1997a *apud*. Ryang; Lie, 2009, p. 5, tradução nossa)<sup>4</sup>. Isso acabou incentivando o surgimento do desprezo da população japonesa, tanto dentro quanto fora da península, contra os coreanos, propagando a ideia da superioridade da Nação japonesa para além do seu governo, também para o seu povo<sup>5</sup>.

Desse momento em diante, os coreanos passaram a ter seus bens e direitos subjugados, suas terras tomadas por meio da força e a liberdade de expressão censurada pelo governo japonês por não estar em conformidade com os novos parâmetros impostos ao país. Era permitida apenas a promoção de propaganda japonesa, a qual promovia a ideia de slogans como *Nissen Ittai* - Japão e Coreia uma única entidade (Kleeman, 2000). Além disso, qualquer forma de resistência, seja armada ou pacífica, eram brutalmente reprimidas. Essas repressões alimentaram um movimento nacionalista coreano que se manifestou de várias formas, desde revoltas armadas e protestos até a criação de organizações clandestinas. Isso inclui o Movimento de 1º de março de 1919, o qual foi uma manifestação de independência coreana que contou com a participação de milhares de coreanos pelo país, e resultou em um fim violento para a população que lutou contra as tropas japonesas (Kim, 1999).

Se, anteriormente, na primeira década, a liberdade de expressão já era algo raro, a partir de 1925, com a criação da Lei de Preservação de Paz no Japão, que dava mais autonomia aos policiais para deter qualquer cidadão cuja ação ou fala julgassem ser de tendências revoltosas e subversivas, ela tornou-se ainda mais restrita em paralelo com a ainda mais rigorosa censura, que deixou quase impossível a condução até mesmo de movimentos menores de pró-independência dentro do território coreano (Guilherme, 2023, p. 22).

---

<sup>4</sup> Do original: “[...] deteriorated, dwindling, and corrupt kingdom, which could be saved only by the divine intervention of the Japanese emperor”.

<sup>5</sup> O nacionalismo étnico japonês “diferenciava-se pela irracionalidade e autoritarismo, além de pensar na nação como uma extensão do sangue” (Fonseca, 2023, p. 21).

Consequentemente, será a partir dessas mudanças e repressões, que se dará início ao apagamento da identidade coreana e a assimilação cultural dentro e fora do país. A educação moral nas escolas enfatizava a lealdade ao imperador japonês e a superioridade da cultura japonesa, enquanto depreciavam a cultura coreana. O Japão passou a impor na Coreia a língua e escrita japonesa em escolas e no dia a dia da população coreana, além de encorajar e forçar a adoção de nomes japoneses em 1940 (Seth, 2023). De acordo com Shreya Seth em sua obra *Colonized State of Mind: Dismantling of the Korean Identity During the Japanese Occupation* (2023):

A perda da língua nativa não foi apenas um golpe no domínio afetivo do povo coreano, mas também retirou a base de diferenciação entre o colonizado e o colonizador. Isto enfraqueceu a identidade social local e solidificou uma identidade coletiva como sujeitos japoneses (Pak & Hwang, 2011 *apud*. Seth, 2023, p. 1667, tradução nossa).<sup>6</sup>

A partir da década de 1930, especialmente após a invasão da Manchúria em 1931 e a expansão do militarismo japonês na Ásia, a Coreia foi usada como uma base importante para o esforço de guerra japonês, principalmente durante a Segunda Guerra Mundial. O Japão passou a explorar mais intensivamente os recursos e o trabalho dos coreanos, chegando à imposição de trabalho forçado. De acordo com Kim (1999, p. 8 tradução nossa), “entre 1939 e 1945, cerca de 1,2 milhão de coreanos foram transportados para o Japão para realizar trabalho forçado, e, perto do final da Segunda Guerra Mundial, os coreanos foram submetidos ao recrutamento militar”<sup>7</sup>. A partir dessa breve contextualização, cabe-se na subseção seguinte, o entendimento acerca do surgimento da diáspora Zainichi no Japão, que se deu resultante do grande fluxo migratório de coreanos para o país durante a ocupação, e as implicações que as experiências dessa comunidade têm para a formação de suas identidades.

## 2.1. A diáspora Zainichi no Japão

*[Isak Baek]: Viver todos os dias na presença daqueles que se recusam a reconhecer sua humanidade exige muita coragem*

(Lee, 2020, p. 215)

Conforme apresentado anteriormente, a ocupação da península coreana trouxe várias mudanças para a dinâmica do Extremo Leste Asiático, incluindo a migração em massa de

---

<sup>6</sup> Do original: “The loss of their native language was not only a blow to the affective domain of the Korean people but also took away the basis on which the colonized were differentiated from the colonizer. This weakened the local social identity and solidified a collective identity as Japanese subjects”.

<sup>7</sup> Do original: “Between 1939 and 1945 some 1.2 million Koreans were transported to Japan to perform forced labor, and toward the end of Second World War Koreans were made subject to military conscription”.

coreanos para o Japão, conhecidos como Zainichi. Esses deslocamentos ocorreram tanto pela busca de melhores condições de vida quanto pelo trabalho forçado ao qual a população coreana foi submetida, devido à escassez de mão de obra provocada pela expansão colonial japonesa. O termo "Zainichi", que originalmente significa "residente na Coreia", foi usado pelos japoneses para rotular esses migrantes, destacando uma suposta superioridade japonesa sobre os coreanos (Lie, 2008). Com o tempo, o termo passou a abranger não apenas a questão da residência, mas também a identidade e a experiência cultural do povo coreano que passou a viver no país colonizador.

As condições e oportunidades de trabalho para esses migrantes se deram de maneira bem precária. Muitos passaram a trabalhar em fábricas, mineração e construções. Além destes, um trabalho muito comum entre os Zainichi se dava nos salões de *Pachinko*, os quais, para os japoneses, quem trabalhava nesse lugar, não eram pessoas boas, sendo consideradas trapaceiras e não respeitáveis. Com isso, a pobreza foi um grande fator que influenciou a forma como os coreanos viviam no Japão, agravando a má situação desses migrantes e levando muitos deles, especialmente os da primeira geração, a enfrentar dificuldades econômicas significativas.

Por exemplo, os salários dos migrantes eram frequentemente muito mais baixos em comparação aos dos japoneses, forçando muitos coreanos a viverem em áreas menos desenvolvidas e com menos oportunidades econômicas, criando uma forma de segregação social. Como apontado por Lie (2008), "devido à pobreza e à discriminação, os migrantes se reuniram em guetos coreanos, que eram muitas vezes contíguos aos bairros de Burakumin e de Okinawa" (Sasaki 1986:211–12; Nishinarita 1997:67–69 apud Lie, 2008, p. 5, tradução nossa)<sup>8</sup>.

Dentro desses guetos, os Zainichi desenvolveram uma identidade comunitária forte, baseada em laços culturais e sociais compartilhados. Essas comunidades foram essenciais para a preservação da identidade coreana na diáspora. "Os coreanos formaram uma economia de enclave — desde mercados de alimentos e restaurantes coreanos até xamãs e médicos coreanos — que era amplamente operada por e para co-étnicos" (Tonomura 2004:148–59, 168–71 apud. Lie, 2008, p. 8, tradução nossa)<sup>9</sup>. Ademais, "a língua, a alimentação e as roupas (especialmente para as mulheres) distinguiam prontamente a maioria dos coreanos étnicos dos japoneses étnicos" (Tonomura 2004:176–79 apud. Lie, 2008, p. 8, tradução nossa)<sup>10</sup>.

---

<sup>8</sup> Do original: "Because of poverty and discrimination, migrants congregated in Korean ghettos, which were often contiguous to Burakumin and Okinawan neighborhoods".

<sup>9</sup> Do original: "Koreans formed an enclave economy — from Korean food markets and restaurants to Korean shamans and doctors — which was largely operated by and for co-ethnics".

<sup>10</sup> Do original: "Language, food, and clothing (especially for women) readily distinguished most ethnic Koreans from ethnic Japanese".

Para além disso, um fator de grande impacto para essa comunidade diaspórica foi a Lei de Registros Estrangeiros de 1952, que os obrigava a possuir um cartão de registro estrangeiro, onde tinham suas digitais registradas e que deveria ser renovado a cada três anos (Tablizo, 2022). Esse processo foi uma forma que o governo japonês encontrou para monitorar e identificar os Zainichi que estavam morando no Japão, sendo considerado bastante humilhante para esses migrantes (Lee, 2014).

O Japão, fortemente influenciado por ideologias de homogeneidade étnica, frequentemente via os coreanos como "outros" e uma ameaça à sua identidade nacional. Por esse motivo, Lie (2008) aponta que, devido a essa ideologia monoétnica, é difícil saber com exatidão os números de Zainichi no Japão. Estipula-se que, entre 1920 e 1930, o número de coreanos tenha aumentado em dez vezes, passando de 419 mil para 2 milhões em 1945 (Kim Yondal 2003b:87–89 apud. Lie, 2008).

Além disso, o autor ressalta que “dada a mentalidade essencialista que afirmava um Japão e uma Coreia homogêneos, o Hibridismo foi rejeitado” (Lie, 2008, p. 85, tradução nossa)<sup>11</sup>. Por esse motivo, as pessoas na diáspora se viam na posição de escolher entre se adaptar aos parâmetros japoneses ou manter sua identidade coreana.

Para a maioria dos Zainichi , o sentido do eu, tal como demonstrado nos instantâneos iniciais e nos vários rótulos usados para descrever esta população, é caracterizado por numerosas noções de identidade conflituantes e contestantes. Estes são discutidos principalmente em termos de binários poderosos, como Coreia e Japão, Coreia do Norte e Coreia do Sul, colonizador e colonizado, geração mais jovem e geração mais velha e homens e mulheres (Chapman, 2008, p. 15, tradução nossa)<sup>12</sup>

Entretanto, apesar desse discurso dominante no Japão não permitir essa ideia da identidade híbrida, o que dificultou a busca dos Zainichi por pertencimento a um lar, sua etnicidade coreana os colocou na posição de lutar tanto individualmente quanto coletivamente por reconhecimento e por uma identidade viável no contexto em que estavam inseridos. Mesmo enfrentando essas lutas em comum, isso não implica que os Zainichi compartilhem uma identidade étnica simples, estática e homogênea. Muito pelo contrário, a diversidade de experiências e perspectivas entre esses indivíduos na diáspora resulta em uma identidade complexa, moldada por uma variedade de fatores, tanto internos quanto externos.

---

<sup>11</sup> Do original: “Given the essentialist mind-set that asserted a homogeneous Japan and KoZainichiridity was dismissed”.

<sup>12</sup> Do original: “For most zainichi the sense of self, as demonstrated in the opening snapshots and the various labels used to describe this population, is characterized by numerous conflicting and contesting notions of identity. These are chiefly discussed in terms of powerful binaries such as Korea and Japan, North and South Korea, colonizer and colonized, younger generation and older generation and men and women”.

Desse modo, o estabelecimento definitivo da comunidade Zainichi no Japão ocorrerá após o fim da Guerra da Coreia, de 1950 a 1953. A divisão da península entre Norte comunista e Sul neoliberal através do paralelo 38, bem como o embate entre os dois Estados pela reivindicação da Coreia, impediu que muitos coreanos retornassem para seus lares de origem, consolidando-os como residentes estrangeiros no Japão (Lie, 2008). Essa divisão também influenciou a cisão interna dos próprios Zainichi no Japão, "...refletindo tanto a divisão artificial de sua terra natal quanto a guerra civil fratricida que impôs uma finalidade às lealdades divididas da comunidade expatriada" (Lie; Ryang, 2009, p. 8, tradução nossa)<sup>13</sup>.

Ademais, será apenas a partir da década de 1990, em contraste com as abordagens anteriores mais rígidas, que o governo japonês começou a facilitar o processo de naturalização para coreanos, oferecendo concessões políticas e permitindo que os coreanos mantivessem seus nomes coreanos, sem a necessidade de adotar nomes japoneses, como era exigido anteriormente (Chung, 2006). Eles criam a categoria de "residentes permanentes especiais" para abranger os coreanos, que eram descendentes de antigos súditos coloniais. Essa mudança concedeu a esses residentes maior segurança residencial e acesso a uma gama mais ampla de direitos, tornando sua situação mais estável e favorável no Japão (Chung, 2006).

Nesse sentido, o objetivo aqui presente, foi o de apresentar um pouco do contexto histórico que levou à grande migração de coreanos para o Japão, resultando na formação da diáspora Zainichi no país dominante. Essa introdução histórica é fundamental para compreendermos as condições daquele período e como tais circunstâncias contribuíram para a construção das identidades dos imigrantes coreanos na sociedade japonesa. A partir disso, a seção seguinte buscará responder, com base em embasamentos teóricos das Relações Internacionais, a questões essenciais, como, de que modo as teorias pós-coloniais ajudam a compreender as identidades em diásporas, ultrapassando o binarismo tradicional — eu e o outro? Como as experiências de deslocamento impactam a formação da identidade dos indivíduos na diáspora?.

### **3. As teorias das Relações Internacionais na concepção da identidade**

*A identidade era mais do que apenas sangue*  
(Lee, 2020, p. 513)

---

<sup>13</sup> Do original: "...reflecting both the artificial partition of their homeland and the fratricidal civil war that impressed a finality on the expatriate community's split loyalties".

Para iniciar esta seção, é importante compreender que as diásporas podem se dar de maneiras diferentes. Sonya Ryang e John Lie na obra *Diaspora without homeland: Being Korean in Japan*, explicam que existem dois modelos de diásporas, o “clássico”, que destaca a gênese coletiva e os “estudos culturais”, ressaltando a gênese individual. Para eles, o primeiro modelo,

[...] exemplificado pela diáspora judaica, é baseado na perseguição étnica original como causa da dispersão e perda da pátria. É acompanhado por um forte senso de conexão com o lar (ou pátria), cuja perda é sofrida coletivamente pela população dispersa. Isso pode se manifestar como memória coletiva, mito, nostalgia, desejo de retorno, ação organizada ou compromisso com o regresso, esforços para preservar a cultura original e o patrimônio mítico, insistência na diferença em relação à população do país anfitrião, entre outros. Assim, as diásporas clássicas geralmente assumem uma forma coletiva e politizada. (Lie; Ryang, 2009, p. 2, tradução nossa).<sup>14</sup>

Já o segundo,

[...] está preocupado com a insegurança da vida e uma crise contínua de identidade que, embora geralmente associada à modernidade e ao surgimento do eu reflexivo, neste caso, está especificamente relacionada à perda de uma pátria original (real ou imaginária), que pode ser percebida tanto como parte do passado quanto da experiência contemporânea. Nesse modelo, a autoconsciência diaspórica de alguém e a autodeclaração como um sujeito sem lar, deslocado e deslocalizado são fundamentais para identificar uma forma de vida diaspórica. Assim, o modelo dos estudos culturais considera o critério mais decisivo para identificar a diáspora ser uma consciência ou estado de espírito diaspórico irredutível (Lie; Ryang, 2009, p. 3, tradução nossa).<sup>15</sup>

Essas duas conceituações abordadas pelos autores são cruciais para entendermos que a formação de identidades, principalmente em diásporas, vão muito além de percepções simplistas que podemos ter sobre o tema. O surgimento dessas identidades diaspóricas ocorrem em um processo bastante complexo e multifacetado, englobando a interação de diferentes culturas, geografias e experiências tanto individuais quanto em grupos. De acordo com Oliveira (2015), a identidade sempre se encontrará em construção e desconstrução dentro das diferenças.

---

<sup>14</sup> Do original: “[...] exemplified by the Jewish Diaspora, is premised upon original ethnic persecution as the cause of dispersal and loss of homeland. It is accompanied by a strong sense of connection to home (or homeland), the loss of which is suffered collectively by the dispersed population. This may manifest as collective memory, myth, nostalgia, desire to return, organized action or commitment to homecoming, efforts to preserve one’s original culture and mythical heritage, insistence on difference from the hostland population, and so on. As such, classical diasporas often take a politicized, collective form”.

<sup>15</sup> Do original: “[...] is concerned with life’s insecurity and an ongoing crisis of identity, which, although generally associated with modernity and the rise of the reflexive self, in this case is specifically related to the loss of an original homeland (real or imaginary), which may be perceived either as part of the past or of contemporary experience. In this model, one’s diasporic self-consciousness and self-appointment as a homeless, displaced, and dislocated subject are critical in identifying a diasporic form of life. As such, the cultural-studies model takes as the most decisive criterion for identifying diaspora to be an irreducible diasporic consciousness or state of mind”.

O novo território e a cultura aos quais os migrantes passam a pertencer impõem desafios e expectativas sociais distintas, moldando suas experiências e identidades de forma múltipla.

O processo de interação entre suas raízes culturais e a cultura local gera um espaço de negociações e adaptações, fazendo com que a identidade seja contraditória e ambivalente (Oliveira, 2015). Isso pode resultar tanto em conflitos quanto em formas híbridas de identidade, onde elementos das culturas se misturam. A geografia nesse sentido, possui um papel simbólico, pois não se trata apenas do novo território físico, mas da adaptação emocional e psicológica ao lugar desconhecido. As experiências de deslocamento e estabelecimento afetam profundamente a maneira como as pessoas percebem seu lugar no mundo, o que, por sua vez, molda sua identificação étnica.

A identidade dos indivíduos na diáspora é moldada tanto por suas origens quanto pelas influências do novo ambiente. Ao migrarem, trazem consigo crenças, costumes e memórias que ajudam a manter viva a narrativa histórica do grupo, inclusive de lutas e resistências, reforçando o sentimento de pertencimento. As tensões surgem quando esses indivíduos enfrentam pressões de assimilação, discriminação ou exclusão social no novo território. Esse choque entre a preservação cultural e a necessidade de adaptação gera desafios que podem fortalecer a ligação com a cultura de origem como uma forma de proteção identitária, mas também resultar em conflitos internos quando a assimilação se torna uma estratégia de sobrevivência.

Sendo assim, como as teorias das relações internacionais (RI) poderiam ajudar a explicar as experiências e identidades dos Zainichi?. Essas teorias, como por exemplo a pós-colonial e a construtivista, oferecem diversas perspectivas sobre o surgimento das identidades, podendo ser compreendidas nas relações entre Estados, nações e indivíduos. Cada teoria de RI entende a formação de identidades de maneiras diferentes, tendo-se diferentes respostas para cada uma delas. Portanto, a identidade, dentro do campo das RI, é entendida não apenas como uma questão individual, mas também uma construção social que pode ser influenciada por fatores históricos, culturais e políticos. Dessa maneira, uma dessas teorias, a teoria pós-colonial, analisa como a colonização impactou profundamente a formação de identidades tanto nos colonizadores quanto nos colonizados. Uma das abordagens centrais é a de que a identidade dos colonizados foi moldada pelas dinâmicas de poder e dominação impostas pelos impérios coloniais, criando sujeitos que viviam à margem, em uma posição subalterna em relação ao centro imperial (Shilliam, 2021).

A identidade, dentro dessa perspectiva, é vista como algo híbrido, fragmentado e em constante negociação, especialmente nos contextos coloniais e pós-coloniais. O colonizado, ao ser forçado a adotar a cultura, a língua e os valores do colonizador, enfrenta um processo de

alienação e deslocamento, onde sua identidade original é apagada ou reprimida, enquanto uma nova identidade é imposta (Shilliam, 2021). Esse fenômeno gera um senso de desorientação, uma "identidade entre mundos", como postula a teoria do Hibridismo de Homi K. Bhabha, que aqui será central na discussão.

Além disso, a teoria pós-colonial desafia as narrativas hegemônicas que definem o "outro" como exótico, inferior ou atrasado. Ao descolonizar o estudo da política e da identidade, procura-se inverter essa lógica, trazendo à tona as vozes e experiências dos marginalizados e propondo uma reconceitualização das hierarquias identitárias criadas pelo colonialismo (Shilliam, 2021). Para mais, a ideia de pertencimento em sociedades coloniais também pode ser desafiada, uma vez que a identidade dos colonizados é marginalizada em prol de uma nova identidade imperial. Esse processo de marginalização, ao mesmo tempo, rompe com a identidade original e impõe uma nova, gerando uma sensação de deslocamento e a busca por pertencer a um espaço que muitas vezes os exclui. “Esse universo conflitante do sujeito em diáspora põe em xeque as ideias de pertencimento, mas também abre espaço para a compreensão de um novo sujeito que surge menos atrelado às roupagens da tradição” (Oliveira, 2015, p. 8).

Homi K. Bhabha, um dos principais teóricos dos estudos pós-coloniais, em sua obra *O Local da Cultura* (2003), nos apresenta que a interação entre culturas no espaço da colonização não resulta em uma simples fusão ou síntese cultural, como muitas vezes é sugerido em narrativas tradicionais de colonização. Ao contrário, esse encontro gera sujeitos híbridos, cuja identidade é formada nas “fronteiras”, resultando em uma mistura ambígua e instável de significados. Esse espaço fronteiriço, não é apenas uma linha imaginária que separa as diferentes culturas, mas também é o entre-lugar onde acontecem as conexões das diferenças e faz com que ocorra o surgimento dos Hibridismos culturais das identidades.

Para mais, as diferenças não devem ser vistas apenas como características fixas e naturais dos aspectos culturais. Em vez disso, elas são produzidas socialmente através de interações e negociações entre diferentes identidades que se fundem. O Hibridismo é uma maneira dos povos marginalizados (ou da periferia) conseguirem buscar formas de afirmar suas identidades e vozes.

A articulação social da diferença, da perspectiva da minoria, é uma negociação complexa, em andamento, que procura conferir autoridade aos Hibridismos culturais que emergem em momentos de transformação histórica. O “direito” de se expressar a partir da periferia do poder e do privilégio autorizados não depende da persistência da tradição; ele é alimentado pelo poder da tradição de se reinscrever através das condições de contingência e contraditoriedade que presidem sobre as vidas dos que estão na “minoría” (Bhabha, 2003, p. 21).

Bhabha (2003) traz um exemplo da artista visual e escritora afro-americana Renée Green de como poderíamos entender a binariedade, o “entre-espaços” e o hibridismo, através da metáfora de um prédio de museu. Entretanto, diferentemente dela, proponho uma analogia mais simples e comum. Sendo assim, pensemos em um sobrado de dois andares, por ser mais comum e mais fácil de imaginarmos visualmente. Neste lugar, encontramos o andar de cima, a escada e o andar de baixo. Ambos os andares, podem ser considerados como as duas opções binárias fixas que conhecemos - superior e inferior, negro e branco, colonizador e colonizado, homem e mulher. Nesse sentido, a escada, a qual permite a interação entre um andar para o outro, seria o “terceiro espaço” - ou “entre-espaço” - onde se tem a interação entre as diferentes identidades e com isso, a formação de novas. Dessa maneira, “essa passagem intersticial entre identificações fixas abre a possibilidade de um Hibridismo cultural que acolhe nas diferenças sem uma hierarquia suposta ou imposta” (Bhabha, 2003, p. 22).

Contudo, o sujeito híbrido não é uma combinação harmônica de culturas, mas sim um produto de um processo de tradução imperfeito, onde os valores, signos e símbolos de cada cultura são lidos de maneira equivocada ou distorcida. Esse mal-entendido cria uma identidade ambivalente, que carrega elementos de ambas as culturas, mas que não se resolve em uma síntese completa ou coerente. Essa interação cultural não consegue ser superada dialeticamente — ou seja, que haveria uma superação das diferenças em direção a uma unidade, visto que, as culturas não podem ser completamente comparadas ou reconciliadas.

Esse processo acaba gerando um sujeito “hifenizado”, aquele que se encontra entre culturas, sem pertencer inteiramente a nenhuma delas. Essa hibridização coloca em evidência as tensões e conflitos inerentes às relações coloniais, expondo o fato de que essas interações não são neutras ou igualitárias, mas marcadas por desigualdades de poder. A partir dessa perspectiva, o sujeito colonizado emerge não como uma vítima passiva, mas como uma figura ambivalente e complexa, cuja identidade é negociada e contestada continuamente no espaço colonial. Dessa maneira, o Hibridismo pode ser visto como uma forma de subversão das estruturas de poder coloniais, pois ele enfraquece a dicotomia rígida entre colonizador e colonizado. Em vez de culturas dominantes simplesmente imporem seus valores e práticas, essa mistura cultural cria novas identidades tanto dos indivíduos quanto sociais, o que acaba criando uma ferramenta de resistência do colonizado (Toledo; Costa, 2021).

Assim como Bhabha, Stuart Hall em sua obra *Da diáspora: Identidades, e Mediações Culturais* (2006), argumenta que as identidades se encontram em um processo de constante formação, transformação e fragmentação. Segundo ele, “não se trata da forma binária de diferença entre o que é absolutamente o mesmo e o que é absolutamente o “Outro”. É uma

“onda” de similaridades e diferenças, que recusa a divisão em oposições binárias fixas” (Hall, 2006, p. 58). Dessa maneira, o autor rejeita essa noção de uma essência imutável de identidade e, em vez disso, ele afirma que as identidades são sempre ‘posicionadas’ dentro de discursos históricos e culturais específicos (Hall, 2006).

Com isso, de acordo com o autor, as identidades diáspóricas serão múltiplas, formadas não apenas pela ligação com o país de origem, mas também pela construção de novas conexões tanto culturais quanto sociais. Ademais, o entendimento do termo Hibridismo para Hall é frequentemente mal interpretado. De acordo com o autor, o Hibridismo não se refere a apenas uma composição racial mista ou a uma mistura de indivíduos com características étnicas e culturais distintas. Em vez disso, trata-se de um processo de tradução cultural - um mecanismo complexo e contínuo pelo qual as culturas e comunidades são forçadas a revisitar e reinterpretar seus próprios sistemas de valores. Esse processo ocorre mais comumente nas diásporas multiculturais e nas comunidades minoritárias e subalternas pós-coloniais, que vivem em posições de ambivalência, estando simultaneamente dentro e fora de uma cultura dominante.

Como sugeriu Homi Bhabha, o Hibridismo significa um momento ambíguo e ansioso de [...] transição, que acompanha nervosamente qualquer modo de transformação social, sem a promessa de um fechamento celebrativo ou transcendência das condições complexas e até conflituosas que acompanham o processo [...] [Ele] insiste em exibir [...] as dissonâncias a serem atravessadas apesar das relações de proximidade, as disjunções de poder ou posição a serem contestadas; os valores étnicos e estéticos a serem traduzidos”, mas que não transcendem incólumes o processo de transferência (Bhabha, 1997 apud. Hall, 2006, p. 71 - 72).

Para mais, um outro ponto bastante importante abordado por Hall, será a influência da globalização contemporânea crescente na construção dessas identidades na diáspora dentro desse espaço do Hibridismo. É importante entendermos que com a modernidade, a globalização e o avanço das tecnologias de comunicação, as pessoas em diáspora estão mais conectadas ao mundo e expostas a uma variedade de culturas, idiomas e ideias. Essas novas conexões influenciam na construção e transformação constante das identidades, visto que, elas estão sempre se adaptando ao novo.

Os indivíduos nessas diásporas mais “modernas” conseguem aceitar suas identidades híbridas mais facilmente, visto que, a realidade multicultural a qual passam a ser inseridas com a modernização do mundo, acabam influenciando a maneira como elas se veem e se definem. Apesar disso, ter essa clareza, não impede essas pessoas de continuarem passando por questões como racismo e discriminações. Até mesmo, porque, embora a globalização ofereça novas oportunidades para a formação de identidades híbridas, é importante reconhecer que ela

também pode intensificar as desigualdades sociais e econômicas, levando a um aumento da exclusão e do preconceito. Para o autor,

Como resultado da globalização, em seu sentido histórico amplo, muitas delas se tornaram formações mais “híbridas”. A tradição funciona, em geral, menos como doutrina do que como *repertórios de significados*. Cada vez mais, os indivíduos recorrem a esses vínculos e estruturas nas quais se inscrevem para dar sentido ao mundo, sem serem rigorosamente atados a eles em cada detalhe de sua existência. Eles fazem parte de uma relação dialógica mais ampla com o “outro” (Hall, 2006, p. 70)

Sendo assim, no contexto da pós-modernidade, a identidade do sujeito contemporâneo não se limita a uma única definição de si, mas assume diferentes papéis e identidades ao longo do tempo, muitas vezes contraditórias ou inconclusas. Esse processo de constante transformação faz com que a busca por uma identidade estável e coerente seja vista como uma ilusão, algo que não é mais possível de ser alcançado na modernidade tardia (Hall, 2014). “Isso significa que cada indivíduo em determinadas circunstâncias se posicionará de acordo com a identidade que melhor lhe convier, ou seja, aquela com que ele mais se identificar” (Pina, 2015, p. 214).

Em síntese, teve-se como intuito nesta seção, o de analisar não apenas as ideias, mas também, como a articulação entre as premissas de Homi K. Bhabha e Stuart Hall, podem ser complementares uma à outra, quanto a compreensão da formação das identidades em diásporas e o Hibridismo. Enquanto Bhabha nos traz essa visão da complexidade do surgimento do terceiro espaço e do sujeito híbrido nos espaços de colonização, Hall amplia a discussão para a construção dessas identidades dentro dessas perspectivas do Hibridismo, assim como a influência da globalização passa a ter um papel crucial para a formação da identidade dos indivíduos.

Portanto, tendo essas considerações teóricas como base, na seção seguinte analisaremos as experiências das personagens da 2<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup> geração do livro *Pachinko* – Noa e Solomon. A obra, ambientada em um contexto de discriminação e preconceito, explora a busca pela identidade e o pertencimento dessas personagens, nascidos e criados no Japão. Através da análise de suas vivências, entenderemos como essas teorias discutidas anteriormente, dão sentido para compreendermos as especificidades da experiência Zainichi.

#### **4. A formação de identidade representadas na 2<sup>a</sup> (1933 - 1978) e 3<sup>a</sup> (1965 - 1989) geração da obra de Min Jin Lee, *Pachinko***

*Nossa existência hoje é marcada por uma tenebrosa sensação de sobrevivência, de viver nas fronteiras do “presente”, para as quais não parece haver nome próprio [...]*

(Bhabha, 2003, p. 19)

O livro *Pachinko*, escrito por Min Jin Lee, é uma obra histórica que explora a trama de uma família coreana (*Baek*) ao longo de quatro gerações. Publicado em 2017, a história é centrada nas lutas e dificuldades enfrentadas pelos coreanos que estavam morando no Japão desde a ocupação japonesa na Coreia, nos mostrando a realidade, mesmo que por meio da ficção, de como essas pessoas passaram a viver após perderem seus lares e sua pátria. Inspirada na história real de um imigrante coreano de 13 anos que morava no Japão e se suicidou após ser perseguido por conta de sua etnicidade, Lee tinha como intuito para o livro, dar vozes para os Zainichi marginalizados na nação japonesa (Tablizo, 2020).

Embora o foco da história recaia bastante em Sunja, a matriarca da família *Baek*, o objetivo da autora não é apenas retratar a realidade das mulheres na história Zainichi - as quais, segundo Lee, assumem uma visão onisciente no livro -, mas também, incorporar a história dos homens e dos meninos que compõem a narrativa migrante e da mesma forma, são uma minoria oprimida (Lee, 2017). Dessa maneira, ao longo das gerações, a autora retrata de maneira fluida os profundos impactos causados nas identidades desses Zainichi, provocados por momentos históricos importantes para o extremo leste asiático: a era de ocupação japonesa (1910 - 1945), a Primeira Guerra Mundial (1914 - 1918), a Segunda Guerra Mundial (1939 - 1945), a Guerra das Coreias (1950 - 1953) e o Japão moderno (1970 - 1989).

Mas o que significa, de fato, “pertencer” a algum lugar quando se está entre culturas e identidades que, por vezes, parecem colidir? A formação da identidade das personagens dessas gerações é marcada pela resistência ao preconceito, pela necessidade de adaptação e, ao mesmo tempo, pela preservação de características fundamentais que as conecta às suas raízes étnicas. Na obra, cada personagem carrega seu próprio peso — os sonhos interrompidos, os medos, os anseios por uma vida melhor e também a coragem para continuar. A segunda geração viveu as tensões de um Japão que buscava apagá-los, enquanto a terceira, nascida em um Japão em rápida globalização, confronta uma sociedade que ainda os vê como “estrangeiros”. Assim, ao nos aproximarmos dessas histórias, somos levados a refletir sobre o que é ser “de um lugar” e

como, por vezes, a própria identidade é uma luta silenciosa para se manter intacto em meio ao que se espera de nós.

Sendo assim, esta seção irá focar sobre as histórias de Noa e Solomon, representando a 2<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup> geração no livro, abordando os seus dilemas de identidade na diáspora, assim como também, as entendendo à luz das teorias abordadas na seção anterior de Homi K. Bhabha e Stuart Hall. Aqui, é importante ressaltarmos que, a primeira geração - aqueles que saíram da Coreia e migraram para o Japão, como Sunja e seu marido Isak -, compreendiam suas identidades étnicas e culturais como coreana, independentemente de estarem vivendo no território colonizador japonês. Eles não tinham dúvidas sobre quem eram e de onde vieram, sempre tendo a esperança de retorno à sua pátria.

Em contrapartida, a segunda geração, nascidos e criados no Japão, não tinham essa mesma visão de seus pais, eles apenas tinham a ideia do que seria a Coreia através de memórias e histórias que lhes contavam. Por esse motivo, essa geração passou por um forte dilema de pertencimento e crise identitária, muitas vezes atribuindo suas raivas e frustrações com relação a suas identidades instáveis aos seus pais. Dessa maneira, Noa, como foco desta seção, desde pequeno já enfrentava preconceitos, insultos e intimidações das crianças da escola local onde ele estudava. Com isso, “na escola, preferia usar o nome japonês, *Nobuo Boku*, em vez de *Noa Baek*, embora todos em sua turma soubessem que ele era coreano por causa do sobrenome adaptado para o japonês (Lee, 2020, p. 197)”. Ele sempre foi um menino que se dedicou à sua família e principalmente aos seus estudos, sendo considerado muito inteligente,

[...] os professores diziam que ele era um aluno ideal, muito mais inteligente do que todos os outros. “Um motivo de orgulho para seu país”, diziam eles, e isso agradava muito o marido Isak, porque ele sabia que os japoneses achavam que os coreanos não valiam nada e eram dignos apenas das tarefas mais sujas, perigosas e humilhantes. Isak dizia que Noa ia ajudar o povo coreano com a excelência de seu caráter e seu trabalho e ninguém poderia menosprezá-lo. Isak havia encorajado o garoto a aprender tudo da melhor maneira que pudesse, e Noa, um bom filho, tinha se esforçado ao máximo para ser o melhor (Lee, 2020, p. 340).

Entretanto, isso não impedia que ele fosse colocado no fundo da sala por conta do forte cheiro que suas roupas ficavam quando sua mãe Sunja e sua tia Kyunghee trabalhavam em casa, fazendo *Kimchi*, cebola, alho e pasta de camarão (Lee, 2020). Muito pelo contrário, independente se sua dedicação na escola era notória ou não, ele era colocado no mesmo nível das crianças coreanas que as mães sobreviviam com a criação de porcos. "O cheiro de alho que

emana do corpo Chōsen<sup>16</sup> simboliza a contínua discriminação e aversão japonesa contra os coreanos Zainichi." (Wachutka, 2019, p.161, tradução nossa)<sup>17</sup>.

No decorrer de sua vida, Noa sempre se esforçou o dobro, em comparação às outras pessoas, assim como também na sua vida adulta. Ele conseguia facilmente se passar como uma pessoa japonesa e saber isso, o fazia esconder o maior segredo de sua vida, Noa queria muito ser um japonês. No livro *Pachinko*, Lee (2020, p. 196) ainda ressalta que, "Noa parecia uma criança japonesa de classe média que morava em uma parte mais rica da cidade, sem nenhuma semelhança com as crianças sujas do gueto do lado de fora da porta de sua casa".

Na visão dele, ele sempre teve que escolher entre ser coreano ou ser japonês, e por mais que sua família por diversas vezes o lembrava da pátria deles, ele não enxergava a Coreia como seu lar. Ele não entendia que podia transitar entre as duas culturas e a partir disso criar uma identidade nova nesse entre-espaço pelo qual ele se encontrava. Quando ele entra para a Universidade Waseda, ele passa a ter uma namorada japonesa, Akiko. Ela o via como uma "ideia fantasiosa de um estrangeiro" e que "sempre se sentiria especial por ter aceitado ficar com alguém que todos odiavam" (Lee, 2020, p. 338). E não era dessa forma que Noa queria ser visto, muito pelo contrário, sua crise identitária começou o afetar de uma forma tão forte, chegando ao ponto dele querer ser enxergado apenas como um ser humano.

Além disso, ao descobrir que seu pai biológico, Koh Hansu, é um chefe da *yakusa*<sup>18</sup>, os aspectos de identidade cultural japonesa que ele instituiu durante esse período na faculdade, colapsam. Noa passa a se considerar uma pessoa suja, com sangue amaldiçoado, que seus pais tinham arruinado quem ele era, " - Você me tirou a minha vida. Não sou mais eu mesmo" (Lee, 2020, p. 342). Para ele, a presença da "yakuza no sangue" simboliza o peso de uma herança da qual ele não consegue escapar. Por esse motivo, Noa abandona Waseda, muda-se para Nagano, arruma um emprego e não volta a falar mais com sua família, deixando apenas uma última carta os avisando que não os contactaria novamente. Ele tinha como objetivo começar uma vida nova, nunca mais voltando a vê-los.

A partir disso, na nova cidade, ele passou a imitar os japoneses, fingindo ser como um deles, ocultando suas origens étnicas. Bhabha (2003) explica que esse mimetismo envolve a tentativa do colonizado de imitar o colonizador, mas de uma forma que nunca é totalmente fiel.

---

<sup>16</sup> "Chōsen é o antigo termo japonês para Coreia" (Lie, 2001, p. 146, tradução nossa)

<sup>17</sup> Do original: "The smell of garlic emanating from the Chōsen body symbolizes the ongoing Japanese discrimination against and distaste for Zainichi Koreans".

<sup>18</sup> Yakuza é uma organização criminosa japonesa, conhecida por ter participação em atividades ilícitas, como jogos de azar, extorsão, tráfico de drogas, exploração sexual e violência (Hill, 2014).

Essa imitação é “parcial” e, portanto, produz um efeito ambíguo. Em vez de simplesmente reproduzir a cultura dominante, o colonizado cria uma espécie de versão distorcida e fragmentada dessa cultura, o que leva a uma sensação de desconforto e ameaça para o colonizador. O mimetismo colonial não é uma reprodução exata, mas uma representação que enfatiza a diferença ao invés de apagar as distinções culturais. Esse processo cria uma "visão dupla" (ou duplicidade) que revela e ao mesmo tempo enfraquece a autoridade colonial. Assim, o colonizado aparece como uma figura que é simultaneamente familiar e estranha ao colonizador.

Em Nagano, em uma entrevista de emprego, quando questionado se era um estrangeiro, ou mais especificamente, um coreano, ele nega, e afirma ser um japonês. Noa conta que seus pais estavam mortos e teve de abandonar sua graduação em Waseda por falta de dinheiro. Ele passou então a criar a vida que ele sempre almejou. Aderiu ao nome japonês *Nobuo Ban*, encontrou uma esposa japonesa, a qual nunca contou suas origens étnica coreana, teve 4 filhos e manteve a mentira que seus pais tinham morrido.

— Noa agora é japonês. Ninguém em Nagano sabe que ele é coreano. A esposa e os filhos não sabem. Em seu mundo, todos pensam que ele é japonês.

— Por quê?

— Porque ele não quer que ninguém saiba sobre seu passado (Lee, 2020, p. 415 - 416)

Essa vontade extrema de ser reconhecido e aceito pela sociedade japonesa, fez ele se perder, como pontuado por Liyue Huang (2022, p. 136, tradução nossa) “[...] no extremo da oposição binária e realmente se tornou um estranho tanto entre coreanos quanto japoneses”<sup>19</sup>. O ápice do dilema de identidade e pertencimento de Noa se dá quando, após 16 anos distante, ele reencontra seus pais. Nesse momento, toda a identidade que Noa construiu ao longo dos anos em Nagano começa a ruir. Ele se vê diante de Sunja, a qual representa suas raízes e o lado coreano que ele evitou a todo custo. Esse encontro o obriga a confrontar a vida de aparências e mentiras que criou para se passar por japonês e a perceber que sua origem étnica e cultural não pode ser completamente apagada.

A tentativa de reconciliação com sua mãe não ameniza seu conflito interno, mas o acentua, resultando em uma escolha trágica. Noa decide tirar a própria vida, incapaz de suportar o peso de viver entre duas identidades e de sentir que não pertence verdadeiramente a alguma delas. Portanto, o fato dele ter desistido da sua vida, por não conseguir enxergar sua identidade

---

<sup>19</sup> Do original: “[...] in the extreme of binary opposition and truly became an outsider between Koreans and Japanese”.

hibridizada, “também pode significar que insistir em uma oposição binária em um estado de confusão está destinado a ser frágil, com a possibilidade de destruição a qualquer momento” (Huang, 2022, p. 136, tradução nossa)<sup>20</sup>.

Por outro lado, a 3<sup>a</sup> geração, aqui presente por Solomon, sobrinho de Noa, já retrata a luta para estabelecer uma identidade que seja uma interseção entre a coreana e a japonesa. Eles se afastam do trauma do imperialismo e vão em direção à busca da felicidade do indivíduo, aderindo e entendendo as suas hibridizações identitárias. Solomon, diferentemente de seu tio, que quando mais jovem acreditava ter um dever para com os coreanos, sendo um exemplo de bons modos e servindo sua comunidade, cresceu em uma situação diferente.

Seu pai, Mozasu, buscava garantir-lhe uma vida mais livre das expectativas e do estigma que os coreanos enfrentavam no Japão, chegando a investir em uma educação ocidental para que o filho pudesse escapar do negócio de *pachinko*. Essa decisão refletia o desejo de Mozasu de proteger o filho das limitações e preconceitos que seu irmão Noa e ele próprio, enfrentaram como coreanos na sociedade japonesa.

Quando jovem, Solomon se destaca nos estudos e desenvolve uma visão mais cosmopolita e ocidentalizada. Na faculdade nos Estados Unidos, ele absorve valores e costumes americanos, que moldam seu comportamento e perspectiva. Ao retornar ao Japão já adulto, Solomon busca se integrar ao mercado de trabalho japonês, mas, mesmo com a educação ocidental, ele ainda enfrenta o preconceito por causa de sua etnicidade.

No banco de investimento britânico que ele trabalhava, no Japão, Solomon tinha interação com colegas de trabalho ingleses, neozelandeses e até mesmo sul-africanos. “Como um coreano-japonês educado nos Estados Unidos, Solomon era ao mesmo tempo local e estrangeiro, com o conhecimento útil de um nativo e os privilégios financeiros de um expatriado” (Lee, 2020, p. 474). Quando visitou a Coreia do Sul, Solomon acreditava que o país seria um lugar onde ele poderia sentir que pertencia. Entretanto, para ele que no início ainda enfrentava desafios relacionados ao entendimento da posição de sua identidade hifenizada como coreano-japonês, ele via que o Japão não era totalmente o seu lar, assim como a Coreia do Sul não oferecia o acolhimento desejado,

lá todos sempre os tratavam como se fossem japoneses. Não era um regresso à pátria, mas era bom visitar o país. Depois de um tempo, ficou mais fácil simplesmente agir como se fossem turistas japoneses que tinham ido até lá desfrutar um bom churrasco

---

<sup>20</sup> Do original: “This may also mean that insisting on binary opposition in a state of confusion is doomed to be fragile, with the possibility of destruction at any time”.

do que tentar explicar àqueles coreanos orgulhosos e hipócritas por que sua primeira língua era o japonês (Lee, 2020, p. 475).

Embora Solomon busque uma vida distinta, ele ainda está preso às expectativas familiares. A decisão de seu pai, Mozasu, de mantê-lo afastado do negócio de pachinko reflete um desejo de libertá-lo do ciclo de estigmatização, mas também acaba distanciando Solomon de sua herança coreana. Ele carrega consigo a carga das escolhas familiares, ao mesmo tempo em que busca uma independência que é, ironicamente, moldada por elas. Ao contrário de gerações anteriores, ele vê a possibilidade de moldar sua própria identidade, ainda que não seja fácil em meio às expectativas sociais impostas a ele.

Mesmo com a educação ocidental, Solomon ainda enfrenta preconceitos no Japão. Essa exclusão revela uma crítica à forma como o Japão trata a população coreana-japonesa, não reconhecendo plenamente sua integração cultural e social. Solomon enfrenta um sistema corporativo que não aceita totalmente seu hifenismo identitário, ainda que ele possua as qualificações necessárias para ter sucesso. Em seu trabalho, ele sofre constantemente com racismo velado, principalmente de seu chefe. Isso o faz entender que independentemente se ele teve a melhor formação, a sua identidade e como a sociedade japonesa o vê, sempre será uma barreira na sua vida. Em uma ocasião específica do livro, Solomon é encarregado de convencer uma senhora coreana a vender sua propriedade, mas a situação culmina na morte dela e na suspensão do projeto. Como resultado, ele perde o emprego, e a discriminação se torna evidente, mostrando que ele continua sendo visto como apenas um estrangeiro.

Portanto, a trajetória de Solomon destaca a luta entre a aceitação e reconciliação consigo mesmo. Para Huang (2022, p. 135, tradução nossa), "Já que eles já estão em um estado de identidade híbrida, com identidades coreana e japonesa, em vez de buscar afirmação de qualquer um dos lados, é melhor buscar essa afirmação internamente, dando a si mesmos um senso de pertencimento e formando uma nova identidade híbrida"<sup>21</sup>. Após sua demissão na empresa, ele passa a trabalhar no Pachinko, assumindo os negócios de seu pai. Mesmo ele negando essa escolha do filho, Solomon não se importava em ser menosprezado. Ele prezava muito mais pelo que ele queria e naquele momento, tudo que ele desejava era ficar no Japão com sua família e trabalhar com seu pai.

Diante do exposto, neste momento em diante, passarei a fazer uma análise à luz da Teoria do Hibridismo de Bhabha, exemplificada pelas personagens de *Pachinko*. Como já

---

<sup>21</sup> Do original: "since they are already in a state of hybrid identity of Korean and Japanese identity, instead of seeking affirmation from either side, it is better to seek affirmation inward, giving themselves a sense of belonging and forming a new hybrid identity".

discutido anteriormente, a Teoria do Hibridismo visa explicar como as identidades em diásporas não são fixas e ligadas ao binarismo do eu ou outro. A interação entre as culturas, no âmbito da colonização, faz com que surjam sujeitos híbridos a partir das fronteiras dos entre-lugares (terceiro-espelho), resultando em indivíduos múltiplos e fluidos culturalmente. Nesse terceiro-espelho, as identidades interagem entre si e passam por um processo de negociação, criando novos signos de identidade. Para mais, o Hibridismo é uma ferramenta para a minoria colonizada de se reafirmarem identitariamente para o colonizador, simbolizando uma resistência ao domínio deste. Dessa maneira, a história de *Pachinko* é ambientada em uma momento histórico de mudanças, marcada por conflitos e preconceitos, onde o colonizado se encontra em constante opressão pelo colonizador.

Sendo assim, primeiramente através de Noa, o Hibridismo para ele não é reconhecido e muito menos aceito. Ele acredita que, identitariamente, sua única opção é aceitar sua etnicidade coreana, ou conseguir fingir ser um japonês. Por esse motivo, para ele, esse espaço gerado pelo Hibridismo, acaba se tornando um espaço de conflito, justamente por ele rejeitar sua identidade híbrida, focando apenas no binarismo coreano e Japonês. O pertencimento para Noa também é um ponto de bastante confusão, visto que, para ele, a Coreia não é a sua casa, onde, diferentemente de seus pais, ele não tem esperança de voltar. E o Japão, o mais próximo do que poderia ser seu lar, não o aceita, o fazendo a todo custo buscar aprovação das pessoas, desde seu bom comportamento na escola, até no seu dia-a-dia, falando um japonês exímio e se portanto como tal.

Ser aceito por uma sociedade que não o entende como igual, era muito mais importante do que se redescobrir, ou como Bhabha (2003, p. 21) aponta, “se reinscrever através das condições de contingência e contraditoriedade que presidem sobre as vidas dos que estão na “minoria”. Noa, em vez de ser resistente ao colonizador japonês - o principal fator para que surja o Hibridismo - ele quer ser como ele. O exemplo disso, é quando ele começa a viver sua vida como um japonês, se casando e construindo uma família “tradicional” japonesa e ocultando sua verdadeira identidade, a qual ela considera como inaceitável. Dessa forma, assim como apontado por Toledo e Costa (2021, p. 204),

[...] a diferença cultural inaceitável é apagada, ou substituída por algo mais tolerável, em um movimento que ao mesmo tempo demonstra o poder que os grupos dominantes têm de definir o que é certo e errado, e também demonstra o medo que a diferença gera, sempre existindo nas margens, ameaçando a supostamente sólida identidade daqueles que detém o poder.

Para mais, essa definição entre o que é certo e errado, fica bastante evidente quando ele descobre que seu pai biológico - Koh Hansu - é chefe da *yakusa*. Se ser coreano, ou seja,

diferente dos japoneses, já era visto com bastante dificuldade para ele, com essa descoberta sobre suas origens, Noa passa a acreditar que nunca será aceito pela sociedade dominante japonesa, a qual ele mais do que desejava pertencer.

Durante toda a minha vida, ouvi de japoneses que meu sangue é coreano e que os coreanos são agressivos, violentos, ardilosos, criminosos traiçoeiros. Suportei isso durante toda a minha vida. Tentei ser tão honesto e humilde quanto Baek Isak e nunca levei a voz. Mas esse sangue, meu sangue é coreano, e agora descubro que tenho sangue da yakuza. Nunca poderei mudar isso, não importa o que faça. Teria sido melhor não ter nascido. Como pôde arruinar assim a minha vida? (Lee, 2020, p. 342)

Já com Solomon é diferente. Por ele nascer e crescer em um período onde a globalização se encontrava de maneira crescente, ele passou a ter conexões com pessoas do mundo todo, o que influenciou para que ele se encontrasse dentro do Hibridismo, e constantemente negociasse a sua identidade, aceitando a sua hifenização de coreano-japonês. Assim como apontado por Hall, Solomon passa a construir e posicionar a sua identidade dentro de momentos específicos de sua história, como por exemplo, quando ele viaja para a Coreia e não se importa de ter que explicar aos coreanos que ele era um deles, aceitando que para eles, ele seria um japonês. Assim como também aconteceu em seu trabalho, quando as pessoas eram preconceituosas com ele por ser etnicamente coreano.

Assim como apresentado por Bhabha (2003), Solomon pode ser visto como uma forma de resistência ao domínio colonial japonês, dando voz à sua identidade híbrida, e aceitando que dentro desse terceiro-espelho, ele pode fluir da maneira que quiser, sendo quem ele quiser identitariamente. Com isso, ele passa a entender que a sua identidade se tornou uma escolha pessoal, abraçando a sua hifenização. Isso fica ainda mais evidente quando ele recusa a proposta de Phoebe, sua então namorada, “[...] de se casar por cidadania e se tornar americano, e sua ambivalência em relação à naturalização, apesar da praticidade de ambos, resistem à limitação a uma identidade fixa ou singular” (Tablizo, 2020, p. 118, tradução nossa)<sup>22</sup>.

Por isso, diferentemente de seu tio Noa, Solomon usa desse terceiro-espelho como um ambiente de negociação para sua identidade, enfraquecendo a dicotomia entre colonizador e colonizado, sendo uma forma de resistência às imposições identitárias impostas pelo Japão. Dessa maneira, ele passa a não se prender às tradições japonesas e nem coreanas, ressignificando a sua identidade e se posicionando da maneira que ele melhor se identificar.

---

<sup>22</sup> Do original: “[...] to marry for citizenship and become American, and his ambivalence toward naturalizing despite the practicality of both, resist confinement to a fixed or singular identity”.

## 5. Considerações Finais

*Para onde iria, afinal? Era verdade, o Japão não os queria, mas que importância isso tinha?*

(Lee, 2020, p. 376)

As análises realizadas ao longo deste trabalho possibilitaram uma compreensão mais aprofundada sobre a formação de identidades diáspóricas através da experiência Zainichi, especialmente por meio das narrativas de Noa e Solomon, representando, respectivamente, a segunda e a terceira geração dessa diáspora. A partir da obra *Pachinko*, de Min Jin Lee, foi possível observar que Noa se vê diante de uma escolha identitária binária entre ser coreano ou japonês, fazendo com que o terceiro-espelho do Hibridismo descrito por Homi K. Bhabha, seja visto como um espaço de conflito e recusado por ele.

Por outro lado, Solomon traz uma nova perspectiva para a experiência Zainichi. Ele entende que sua identidade não precisa se limitar aos rótulos impostos por uma sociedade que ainda carrega resquícios de uma visão colonial e excludente. Assim como apontado por Hall (2006), a identidade de Solomon passa a ser construída e transformada a partir da influência do meio social em que ele vive, levando-o a aceitar a hifenização de sua identidade, fato que, como foi abordado, não aconteceu com Noa.

Portanto, utilizando a Teoria do Hibridismo de Bhabha, este estudo buscou explorar como as identidades em contextos pós-coloniais e de diáspora se manifestam de formas diversas, podendo ser fluidas ou conflitantes, destacando as particularidades da experiência Zainichi. A trajetória de Noa reflete o impacto psicológico da exclusão e discriminação, evidenciando o dilema entre aceitar ou rejeitar uma identidade que a sociedade japonesa não lhe permite reivindicar plenamente. Em contraste, Solomon representa uma nova postura, mais receptiva à multiplicidade cultural, refletindo uma perspectiva contemporânea e mais autônoma que responde com flexibilidade às restrições impostas pela sociedade japonesa.

Dessa maneira, essa análise evidencia como as identidades pós-coloniais na diáspora Zainichi são híbridas e complexas. Enquanto a geração de Noa internaliza conflitos identitários e rejeições, a de Solomon adota uma abordagem mais receptiva quanto ao entendimento de sua identidade, sinalizando mudanças geracionais na experiência Zainichi. Ao longo da narrativa, apresenta-se as repercussões duradouras da colonização japonesa e da migração forçada, revelando que o impacto do passado colonial ainda está presente nas identidades Zainichi, mas que essas identidades são hifenizadas e estão em constante negociação e transformação. Além

disso, ao abordar as representações Zainichi em *Pachinko*, este estudo reforça a importância da literatura como um espaço de reflexão sobre o Hibridismo e a complexidade das identidades pós-coloniais, assim como também para as Relações Internacionais.

## 6. Referências Bibliográfica

- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Ed. UFMG: Belo Horizonte, 2003
- CHAPMAN, David. **Zainichi Korean identity and ethnicity**. Routledge, 2008.
- CHUNG, Erin Aeran. **The Korean Citizen in Japanese Civil Society. In: Japan's Diversity Dilemmas: Ethnicity, Citizenship, and Education**. LEE, Soo Im; MURPHY-SHIGEMATSU, Stephen; BEFU, Harumi (ed.). Indiana: iUniverse Inc, 2006, pp. 126-150.
- FONSECA, Bárbara de Almeida. **A colonização japonesa na Coreia: Uma análise do genocídio cultural e suas consequências**. Trabalho de Conclusão de Curso de Relações Internacionais. Centro Universitário IBMR. 2023. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/items/f37db599-3242-4c83-ab89-f4c5dc99653b>. Acessado em: 22 ago. 2024
- GUILHERME, I. R. **Nacionalismo moderado: o movimento cultural na península da Coreia durante a ocupação japonesa (1910-1945)**. Monografia - Curso de Relações Internacionais da Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP (Campus de Marília). 2023.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva & Guaciara Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2006
- Hill, Peter. **The Japanese Yakuza. In: The Oxford Handbook of Organized Crime, Oxford Handbooks**. Letizia Paoli (ed.). Oxford Academic, 2014, p. 234 - 253.
- HUANG, Liyue. *The construction of identity in "the third space" taking Mozasu and Noa in the novel Pachinko as an example*. **International Journal of Education and Humanities**, v. 5, n. 1, p. 134-136, 2022. DOI: 10.54097/ijeh.v5i1.1956. Disponível em: <https://doi.org/10.54097/ijeh.v5i1.1956>. Acesso em: 13 mar. 2024
- KIM, Kwan - Young. **Japan and Korea: A Turbulent History**. 1999. Disponível em: <https://www.lehigh.edu/~rfw1/courses/1999/spring/ir163/Papers/pdf/kwk2.pdf>. Acessado em: 22 ago. 2024
- KLEEMAN, Faye Yuan. **The boundaries of the Japaneness between 'Nihon bungaku' and 'Nihongo bungaku'**. In: **Proceedings of the Association for Japanese Literary Studies, [S. l.]**, v. 1, 2000.
- LEE, Min Jin. **Pachinko**. Editora Intrínseca, 2020.

- LEE, Soo Im. **Diversity of Zainichi Koreans and their Ties to Japan and Korea. In Japan and a Multicultural Society.** YU, Lydia N; ZULUETA, Johanna O(ed). Quezon City: Ateneo de Manila University Press, 2014, p. 100–125
- LIE, John. **Multiethnic Japan.** Cambridge: Harvard University Press, 2001.
- LIE, John. **Zainichi (Koreans in Japan): Diasporic Nationalism and Postcolonial Identity.** Global, Area, and International Archive. Berkeley: University of California Press, 2008.
- NAM, S. Y. **As relações diplomáticas entre a Coreia do Sul e o Japão: o caso das ‘Mulheres de Conforto’ da Coreia.** Dissertação de Mestrado em Relações Internacionais. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP). 2018.
- OLIVEIRA, E. **Migração, Identidade Cultural e História oral: percurso possível de pesquisas.** MONÇÕES Revista do Curso de História da UFMS/CPCX, v. 2, n. 2, 6 mar. 2015.
- PINA, M.; HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução: Tomaz Tadeu da Silva & Guaciara Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014. Élisée - Revista de Geografia da UEG, v. 4, n. 1, p. 213-218, 28 jul. 2015.
- RITZEL, Lucas Henrique Lopes. **A bolha norte-coreana no Japão : uma abordagem construtivista da comunidade Zainichi face às interações do cenário internacional** Trabalho de Conclusão de Curso de Relações Internacionais. Universidade de Santa Cruz do Sul. 2020. Disponível em: <https://repositorio.unisc.br/jspui/handle/11624/2831>. Acesso em: 22 fev. 2024
- RYANG, Sonia; LIE, John (Orgs.). **Diaspora without Homeland: Being Korean in Japan.** Berkeley: University of California Press, 2009.
- SETH, S. Colonized State of Mind: Dismantling of the Korean Identity During the Japanese Occupation. **International Journal of Research Publication and Reviews**, v. 4, n. 10, p. 1665–1670, 16 out. 2023.
- SHILLIAM, Robbie. **Decolonizing Politics: An introduction.** Medford, MA: Polity. 2021
- TABLIZO, N. R. Gambling in History: The Intergenerational Search for Zainichi Identity in Min Jin Lee's Pachinko. **Asian Studies**, v. 58, 2022.
- TAU, Timothy. Interview: Min Jin Lee on Ordinary History and *Pachinko*. **Hyphen Magazine**, 23 out. 2017. Disponível em: <https://hyphenmagazine.com/blog/2017/10/interview-min-jin-lee-ordinary-history-and-pachinko>. Acesso em: 15 mar. 2024.
- TOLEDO, A.; COSTA, KARLA. Hibridismo, Resistência, Povo: um diálogo entre Ernesto Laclau e Homi Bhabha. **Revista Sul-Americana de Ciência Política**, v. 6, n. 2, p. 201-218, 8 nov. 2021.
- WACHUTKA, Jackie J. Kim. Zainichi Korean Women in Japan: Voices. Abindon: Routledge, 2019.